

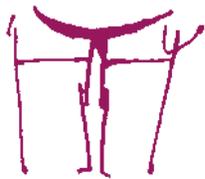
# Jorge Amado



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Salvador  
2023



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente

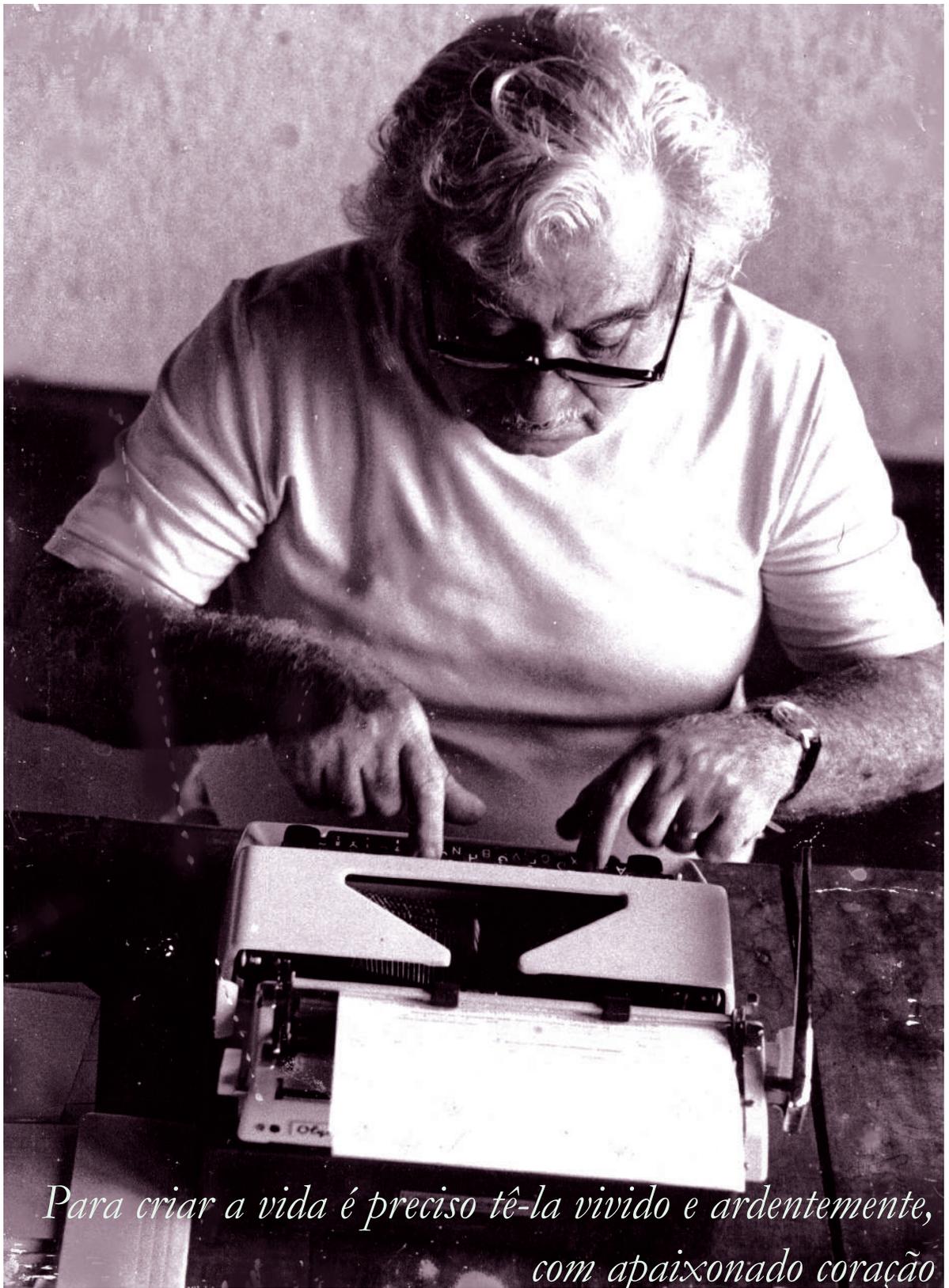
Arthur Guimarães Sampaio

Diretora-executiva

Angela Fraga

Agradecimento especial:

Esta publicação foi possível graças à sensibilidade da Deputada Lídice da Matta ao dedicar a emenda parlamentar que resultou no Termo de Fomento 903456/2020.



*Para criar a vida é preciso tê-la vivido e ardentemente,  
com apaixonado coração*

*Pedro*

## FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

*Bete Capinan*

Coordenação editorial

*Leo Dantas*

Capa e projeto gráfico

Pesquisa

Bruno de Souza Fraga

Karina Ribeiro Barbosa

Marina Ramos Amorim

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981j Fundação Casa de Jorge Amado  
Jorge Amado / Fundação Casa de Jorge Amado. – Salvador : Casa  
de Palavras, 2023.

56 p. : il. color.

ISBN 978-65-993424-7-9

1. Amado, Jorge, 1912-2001 – Biografia. 2. Literatura brasileira.  
I. Título.

CDD 921



Jorge Amado com um ano de idade

A 10 de agosto de 1912, nasce Jorge Amado na fazenda Auricídia, em Ferradas, povoado do município de Itabuna, no interior da região grapiúna. Seu pai, João Amado de Faria, natural de Sergipe, tinha chegado dez anos antes para tentar a vida na região cacauceira, tendo se casado com a baiana Eulália Leal, natural do município de Amargosa. Jorge é o primogênito do casal, que terá ainda Jofre, em 1915, Joelson, em 1920, e James, em 1922.

É a época das grandes lutas pela conquista da terra para o plantio do cacau, a árvore dos frutos de ouro a despertar a ambição de gente de toda origem que não para de chegar à região, trazida pelas secas que assolam o alto sertão, pela pobreza dos estados com mão-de-obra desempregada, pelos aventureiros... É tempo de matar e viver.

Entre tiroteios, Jorge vive a meninice. Com dez meses de idade presencia, em casa, uma tocaia em que seu pai é ferido. Os relatos da mãe ajudam a fixar para sempre o acontecido na memória de Jorge: a égua tombando morta, o pai lavado em sangue erguendo do chão o filho que engatinha na varanda da casa. Incrustados nos ombros e nas costas do coronel João Amado, os caroços de chumbo dessa tocaia estarão visíveis sob a pele até o fim de sua vida. Dona Eulália passa a dormir com a repetição sob o travesseiro.



Jorge Amado aos dois anos

A cheia do rio Cachoeira, em 1914, destrói toda a plantação de cacau da família. Carregando o menino, seu João e dona Eulália chegam ao povoado com a roupa do corpo para disputar abrigo entre tantos foragidos. Inexistem recursos para atender às vítimas da epidemia de varíola que se segue à cheia naquelas terras do sem fim. Ali o menino Jorge se imuniza.

Após a passagem pelo povoado de Ferradas, a família Amado se estabelece em Ilhéus com um artesanato de tamancos. Moram no bairro do Pontal, pobre à época, mas na apreciação do futuro escritor com uma praia “de infinita beleza”. Comparada à roça, Ilhéus é uma cidade civilizada, tem até vice-consulado da Inglaterra, por conta de uma estrada de ferro em construção — o que não impede que jagunços matem à luz do dia em praça pública.

O fabrico de tamancos dura o tempo de seu João economizar algum dinheiro para comprar terra e plantar novas roças de cacau. Acaba para o menino Jorge “o tempo de praia e ventania, de coqueiros e canoas, de canções e lua cheia”.



O coronel João Amado de Farias e Eulália Leal Amado (Dona Lalu) com os filhos Joelson, James e Jorge – aos doze anos de idade, Ilhéus, 1924

Em 1917, a família está de volta às matas, encruzilhadas e tiroteios, agora na fazenda Tararanga, em uma localidade chamada Sequeiro do Espinho, onde nascia o povoado que se chamará Pirangi, terra de valentes, hoje cidade de Itajuípe.

Um ano depois da mudança para Itajuípe, compram uma casa em Ilhéus. Entre Ilhéus e as fazendas de cacau, Jorge cresce; entre Pontal e Pirangi; entre o amor e a morte, temas permanentes de toda sua obra de romancista. Em dias de feira, o cabra Argemiro o coloca na frente da sela e o leva a Pirangi, o que é motivo de festa e deslumbramento. No meio do povo, o menino vai aprendendo sem se dar conta, amplia seu universo, desarma-se ante qualquer preconceito.

Aos seis anos, já alfabetizado pela mãe através da leitura de jornais da época, passa a frequentar a escola de dona Guilhermina, famosa pelo uso da palmatória e por colocar alunos de castigo ajoelhados sobre grãos de milho. Apanhado com mais dois ou três colegas a cometer traquinices de menino, leva meia dúzia de bolos da professora, causando indignação em dona Eulália, que o retira da escola de imediato. Por essa época, cria um jornalzinho, que redige e distribui entre a família e os vizinhos, *A Luneta*.



Ilustração de Floriano Teixeira para o livro de Jorge Amado *O menino grapiúna*

Um acontecimento no tribunal de Ilhéus marca sua memória: enquanto assiste com o pai a um julgamento de camponeses acusados de ocupar terras na região, é chamado pelo juiz para sortear os nomes dos jurados. Brincará mais tarde: “Foi minha primeira aventura política”.

Aos nove anos vai estudar na capital, cursando o que se chamava então de preparatórios, matriculado como interno no Colégio Antônio Vieira, dos padres jesuítas, em Salvador.

A intenção do coronel João Amado é educar o filho no colégio de maior renome, mas, para o menino, arrancado da liberdade das ruas e do campo, o internato é um encarceramento.

Por essa razão, quando o novo professor de português pede à classe uma descrição tendo o mar como tema, ao contrário dos colegas que se inspiram nos mares de Camões, Jorge descreve as praias do Pontal, onde conheceu a liberdade e o sonho. Daí em diante, o professor passa a emprestar-lhe livros de sua biblioteca: Jonathan Swift, Charles Dickens, Walter Scott e clássicos portugueses.

Como não consegue que seus pais o tirem do internato, ao voltar das férias, aproveita o momento em que o tio o deixa na portaria, e foge. Tem doze anos de idade. Durante dois meses, com o dinheiro da mensalidade que deveria entregar no colégio, viaja de todas as formas possíveis: de trem, de marinete, a pé, de jumento, a cavalo, de todo jeito, até que chega à casa do avô José Amado em Itaporanga, Sergipe. Seu tio Álvaro é quem vai buscá-lo e o leva de volta à fazenda do pai.

No ano seguinte, a família volta a matriculá-lo como interno em Salvador, desta vez no Colégio Ipiranga, funcionando na casa em que falecera Castro Alves, onde, ao contrário do Antônio Vieira, os alunos gozam de mais liberdade.



Turma de Jorge Amado no Colégio Antonio Vieira, 1923

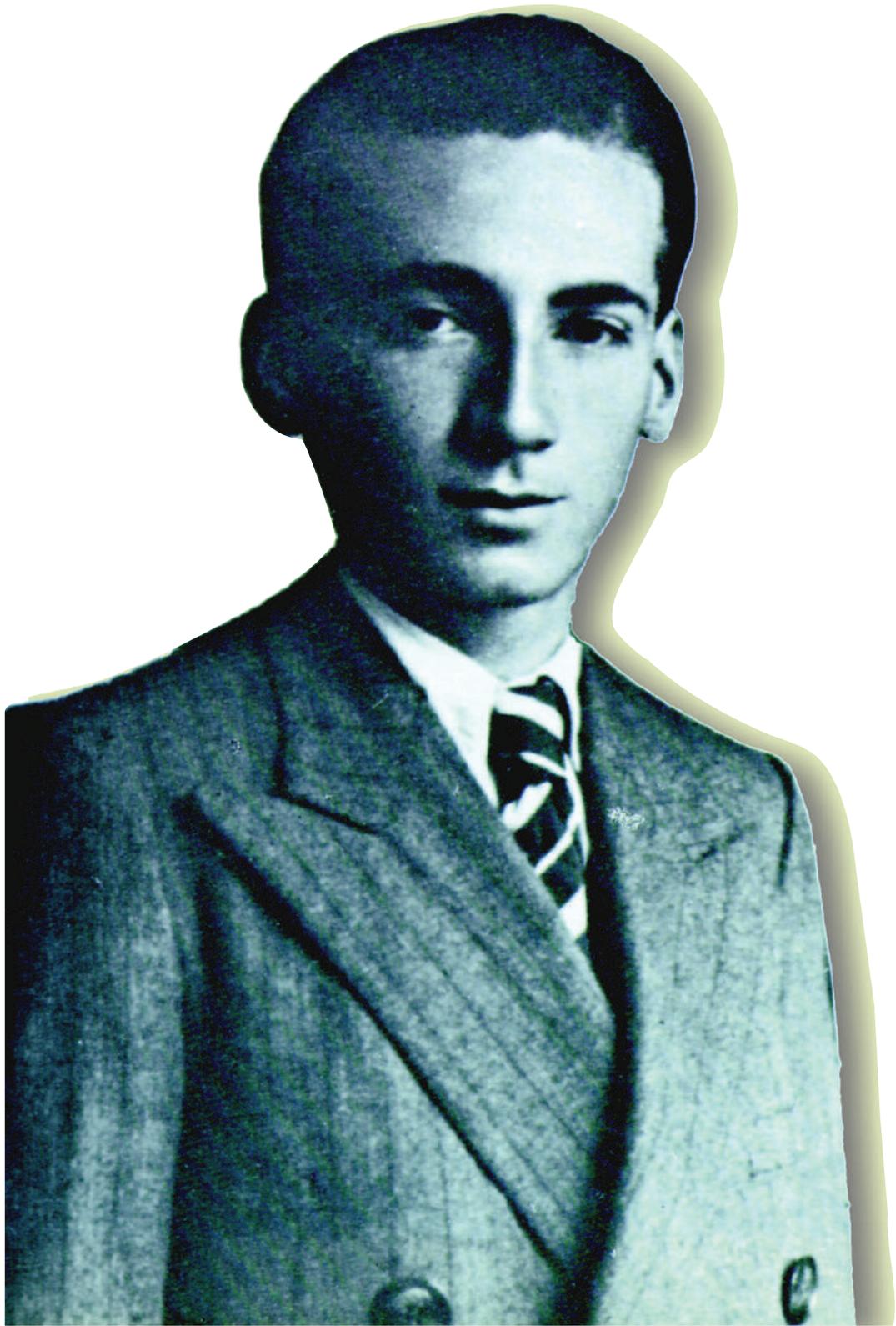
Jorge quase não abre os livros didáticos, mas, em compensação, lê todos os romances que lhe aparecem. Começa a escrever, publicando no jornal do colégio seu primeiro trabalho de ficção, um conto. Passa a dirigir o jornal oficial do grêmio, *A Pátria*, e logo a seguir *A Folha*.

Aos quatorze anos, torna-se aluno externo do Ipiranga, tendo residências sucessivas pela cidade, de mistura com o povo, até instalar-se num casarão de construção colonial, vizinho ao Largo do Pelourinho, casarão este que mais tarde será cenário do romance *Suor*. Publica um poema modernista na revista *A Lusa* e começa a trabalhar de repórter no *Diário da Bahia* sendo logo promovido a redator. Trabalha também em *O Imparcial*.

Em 1928, as ideias da Semana de Arte Moderna, de 1922 em São Paulo, se difundem pelo país provocando adesões e oposições, chega à Bahia, mobilizando a juventude artística e intelectual. Contra a realidade desoladora da literatura baiana de então se levantam dois grupos: o da revista *Arco & Flexa* e em oposição a este, a Academia dos Rebeldes, pretendendo ir além do modernismo, rumo a uma literatura de raízes e características mais populares. Os Rebeldes formam um grupo de intelectuais boêmios, garotos de quinze e dezesseis anos, que se reúnem à volta do velho poeta Pinheiro Viegas, com quartel-general no Bar Brunswick, atrás da Praça Municipal. Logo se incorpora à Academia dos Rebeldes o jovem Jorge Amado disposto a lutar contra o academicismo, a literatura esclerosada e o parnasianismo caquético.

Para Jorge, esse período da adolescência é um tempo glorioso, cheio de beleza e aventura, quando vive intensamente a vida livre das ruas da cidade da Bahia, fazendo o aprendizado que irá se constituir no fundamento social e humano da sua obra de romancista.

Viaja toda a costa baiana de saveiro. Com seus companheiros rebeldes, que mais tarde terão atividade política de esquerda, leva uma vida boêmia, participando da vida popular da cidade, nas festas, nos mercados, nos saveiros, nos bordéis, entre capoeiristas, nos terreiros de candomblé.



Jorge Amado no começo dos anos 1930



Membros da Academia dos Rebeldes, Salvador, 1930

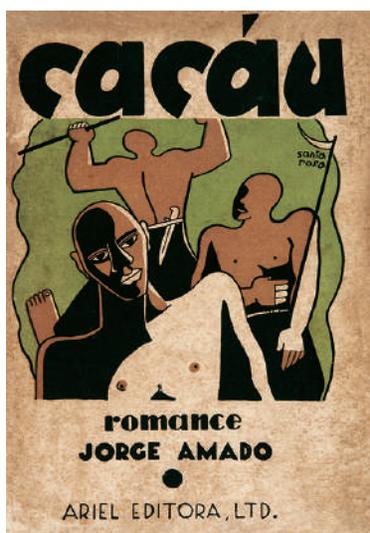


Os autores de sua predileção nessa época são Victor Hugo, Balzac, Maupassant, Zola, Flaubert, Dickens, Walter Scott, Mark Twain...

Em meados de 1930, o coronel João Amado determina a ida do filho para o Rio de Janeiro a fim de concluir o curso secundário. Em vez de Rebeldes e Bar Brunswick, terá que enfrentar Física, Química, História Natural e Geometria, se quiser ser doutor. Tem dezoito anos e um romance inacabado. No ano seguinte, ingressa na

Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

Inicia a carreira de escritor, para a qual tinha revelado vocação inelutável. Aos dezenove anos, Jorge Amado tem seu primeiro romance, *O país do carnaval*, publicado pela Editora Schmidt, em setembro de 1931.



Recebe uma boa acolhida da crítica, seguindo-se à tiragem inicial de mil exemplares mais dois mil em 1932.

Nessa época, Jorge trava conhecimento com pessoas de esquerda, escritores e colegas de faculdade, que exercem forte influência sobre ele, sobretudo a escritora cearense Rachel de Queiroz, dirigente comunista em temporada no Rio de Janeiro. Tornam-se amigos muito próximos e, em grande parte sob influência de Rachel, Jorge entra para a Juventude Co-

munista, setor do Partido Comunista do Brasil (como se chamou o PCB até 1962) voltado para o meio estudantil, passando a desempenhar papel ativo dentro da universidade. Ainda em 1932, depois de uma viagem a Pirangi, na Bahia, começa a escrever *Cacau*, romance em que trata de um tema que o fará querido do público como romancista do povo.

Dedica-se a novas leituras: Michael Gold, D. H. Lawrence, O'Neil, Steinbeck; as novelas soviéticas e romancistas alemães.

Lançado em 1933, com tiragem de dois mil exemplares, *Cacau* esgota-se em um mês. Após lançada, a edição é apreendida pela polícia e só é liberada sob ordem pessoal do ministro da Justiça.

A proibição atrai leitores, esgotando-se a segunda edição de três mil exemplares com a mesma rapidez. A partir daí, o público de Jorge Amado começa a crescer.

Nesse ano, conhece o escritor Graciliano Ramos. Ao ler os originais do romance *Caetés*, enviados ao seu editor, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado encanta-se com o estilo do estreante e parte para Maceió a fim de conhecê-lo. A amizade entre os dois durará toda a vida de Graciliano.

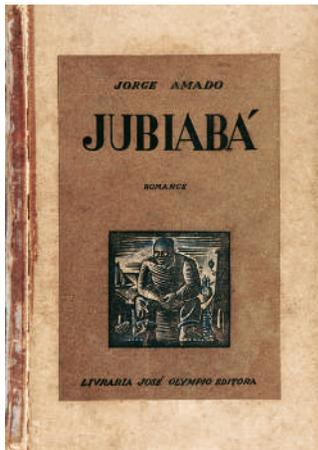
Em dezembro, casa-se com Matilde Garcia Rosa.



Retrato de formatura, 1935

A *Cacau* sucede o romance *Suor*, lançado em 1934. O jovem escritor firma-se como uma das fortes personalidades de sua geração. Torna-se membro do comitê dirigente da Juventude Comunista. Desde o começo, um traço de sua personalidade é notado: fazedor de amigos. Simples, terno, leal, amante de uma boa prosa e da convivência desarmada, mesmo com adversários, nunca deixando a ideologia interferir no afeto.

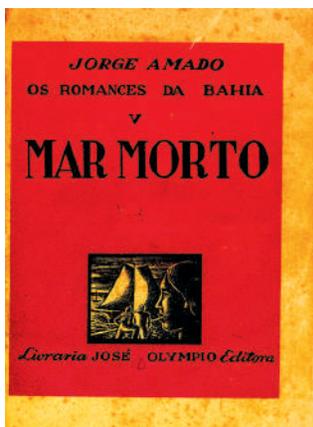
Em 1935, nasce sua filha Eulália Dalila, que morrerá aos quinze anos de idade. Colaborando na imprensa como redator do jornal *A Manhã*, Jorge integra a comitiva que acompanha o presidente Getúlio Vargas ao Uruguai e à Argentina. Começa a ter seus livros traduzidos: *Cacau* sai publicado em Buenos Aires e, junto a *Suor*, também em Moscou. Para atender ao desejo do coronel João Amado, conclui o curso de Direito, mas jamais exercerá a profissão e nem mesmo irá buscar o diploma.



Lança seu quarto romance, *Jubiabá*, pela Livraria José Olympio Editora, onde passa a trabalhar. *Jubiabá* consagra o autor e é recebido por Oswald de Andrade como uma *ilíada negra*, *Jubiabá* é por ele considerado o mais belo comício que o Brasil ouviu depois do *Navio Negreiro* de Castro Alves.

O romancista Erico Verissimo também se pronuncia: *Se eu tivesse engenho e arte havia de escrever o ABC de Jorge Amado, um sujeito [...] que nasceu na Bahia, foi rebelde, fugiu de casa, viu a vida e viveu-a com ânsia; um sujeito que ama os humildes e os oprimidos e que, aos vinte e três anos, é um dos maiores romancistas que o Brasil tem.*

Acusado de participar do levante militar ocorrido em Natal (Rio Grande do Norte), em novembro de 1935, contra o governo de Getúlio Vargas, Jorge Amado é detido em abril de 1936 e sofre sua primeira prisão política, permanecendo cerca de dois meses na sala de detidos da Polícia Central, no Rio de Janeiro. É a primeira das onze prisões que terá vida afora.

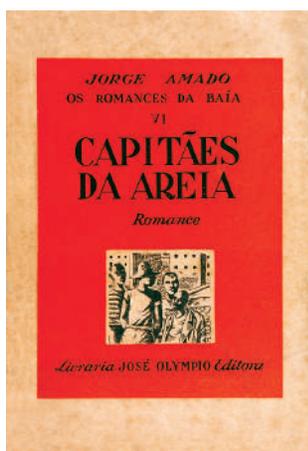


Publica *Mar morto*, que recebe o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. A imprensa chama a atenção para o fato de Jorge Amado conseguir, em 1936, viver de seus romances, ou seja, à custa dos direitos autorais de seus livros. Isso constitui uma novidade no país, com população leitora muito reduzida, pois até então nenhum escritor tinha conseguido sobreviver do seu ofício.

No início do ano de 1937, participa da organização do 2º Congresso Afro-Brasileiro, em Salvador, e de festas em importantes terreiros de candomblé, como as do Axé Opô Afonjá, de mãe Aninha e as do Gantois. A luta de toda uma vida contra o racismo e em defesa dos direitos do povo negro e da cultura afro resulta no reconhecimento dado ao romancista

pelos candomblés da Bahia, outorgando-lhe importantes títulos: foi ogã de Oxóssi no candomblé de Procópio, ogã de Iansã no de Joãozinho da Goméia, e Obá Orolu, ministro de Xangô, no Axé Opô Afonjá.

De Salvador, o incansável viajante segue para Porto Alegre, de onde empreende roteiro por terras mais distantes, percorrendo toda a América: Uruguai, Argentina, Chile, México e América do Norte. Conclui *Capitães da Areia* a caminho do México, onde reside algum tempo. Demora-se também nos Estados Unidos. Conhece e trava amizade com inúmeros escritores e artistas.



*Capitães da Areia* é lançado no Rio de Janeiro, em setembro de 1937, sem a presença do autor. Jorge Amado volta ao país em navio cargueiro, rota Nova Iorque-Belém, e é surpreendido pelo golpe de Vargas em outubro. Avisado em Belém, foge para Manaus, mas ali é preso por dois meses. Em 10 de novembro, Getúlio Vargas fecha o Congresso Nacional e outorga ao país uma nova Constituição de tendência fascista. Instaure-se o Estado Novo.

Considerados subversivos, os livros de Jorge Amado são queimados em praça pública em Salvador. Por determinação do Comando da Sexta Região Militar, são queimados 1.694 exemplares dos romances: *O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães da Areia*. De 1937 a 1943, todos os livros de Jorge Amado são recolhidos das livrarias e sua venda é proibida no Brasil.

Jorge é enviado para o Rio de Janeiro, em 1938, sob vigilância policial, onde é posto em liberdade. Muda-se para São Paulo, mas logo depois volta à Bahia e segue para Sergipe, onde, na cidade de Estância, vive por quase um ano uma experiência tão intensa, que lhe permite no futuro escrever *Seara vermelha*, *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tieta do Agreste*.

Nesse ano, *Suor* é publicado em inglês, pela editora New America, de Nova Iorque, e *Jubiabá* em francês, pela prestigiosa Gallimard, merecendo

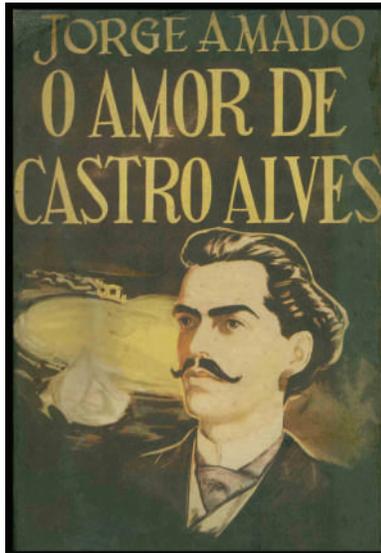


Lila com o pai, década de 1940

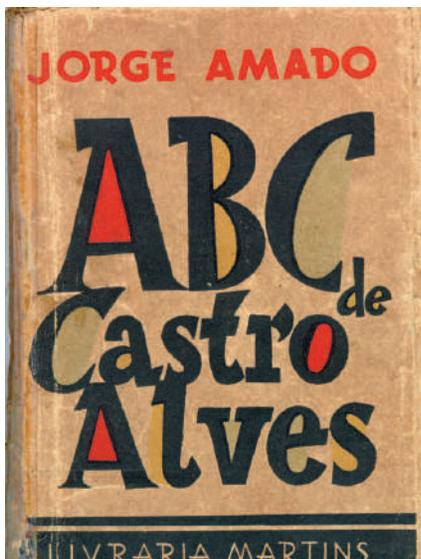
artigo elogioso do escritor Albert Camus. Desde então, seus livros passam a ser publicados em inúmeros países e em vários idiomas.

Ainda em 1938, o argentino Hector Julio Páride Bernabó, que se tornará mais tarde o baiano Carybé, chega a Salvador na esperança de encontrar Jubiabá pelas ruas. Fascinado com a leitura do romance, voltará em 1949 para fixar residência na cidade. É o primeiro estrangeiro, de que se tem notícia, que chega à Bahia pelas mãos das personagens de Jorge Amado.

A partir de 1939, o Estado Novo endurece a repressão e a luta contra a tortura e a prisão em massa de presos políticos, e o aniquilamento do Partido Comunista recrudesce. Retornando de Estância ao Rio de Janeiro, Jorge intensifica suas atividades políticas e jornalísticas. Torna-se redator-chefe das revistas *Dom Casmurro* e *Diretrizes* e começa uma colaboração com a revista *Vamos Ler!*.



Nesse período, conhece em rodas de artistas e jornalistas, nos cafés do centro da cidade, aquele que vai se tornar irmão, parceiro e cúmplice de toda a vida, o compositor Dorival Caymmi. A partir de uma citação de música existente no romance *Mar morto*, Caymmi compõe, com letra de Jorge Amado, a canção *É doce morrer no mar*, que se torna um clássico do cancionário brasileiro.



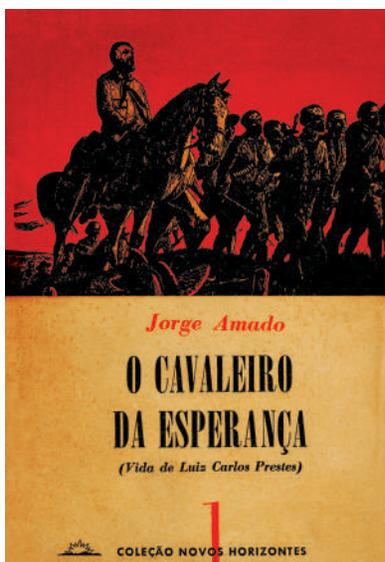
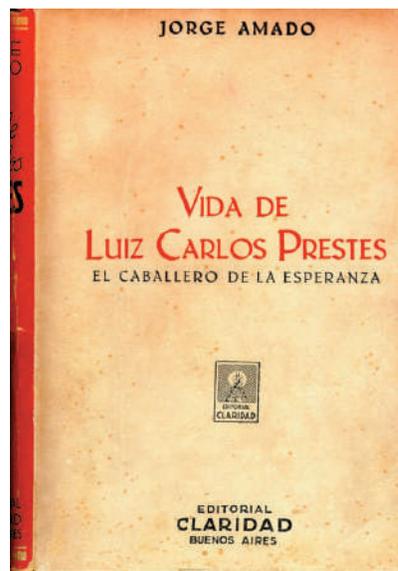
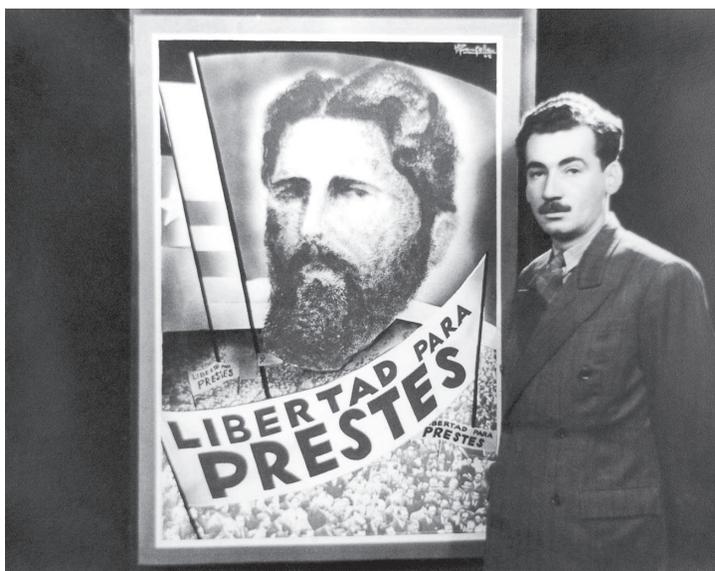
Jorge publica na imprensa capítulos de um romance chamado *Sinhô Badaró*, mais tarde transformado em *Terras do sem fim*, e o primeiro capítulo do livro que começa a escrever, *ABC de Castro Alves*. Apaixonado pelo Poeta dos Escravos escreverá a peça teatral *O amor de Castro Alves*, publicado posteriormente com o título *O amor do soldado*. O trabalho político a favor das forças progressistas contra o fascismo o leva, em 1941, à Argentina e ao Uruguai, decidido a escrever um livro sobre o líder comunista Luiz



Carlos Prestes. Convencido de que é impossível escrever e editar estando no Brasil, porque poderá ser preso, resolve ausentar-se, permanecendo no exterior sem passaporte, sem um documento sequer.

Na sua ausência, é lançado em São Paulo o *ABC de Castro Alves*. O livro tem a venda imediatamente proibida, mas, como não foi apreendido, apenas interditado, termina por circular clandestinamente.

Vivendo em Buenos Aires, Jorge colabora com o jornal *La Crítica* e a revista *Sud*, tem seu romance *Mar morto* adaptado pela rádio El Mundo.



Ainda em Buenos Aires escreve o livro sobre o líder comunista Luiz Carlos Prestes e acompanha sua tradução para o espanhol. Sai publicado, em maio de 1942, *Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*, pela Editorial Claridad, de Buenos Aires. No Brasil, o livro só será editado em 1945, mas a edição em espanhol entra clandestinamente no país. Atinge preços absurdos no mercado negro, e há quem viva do aluguel de exemplares, mesmo o leitor sabendo que corre perigo de cadeia.

Transfere-se para Montevidéu, onde começa a escrever *Terras do sem fim*. A entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados traz o apoio dos comunistas a Vargas. Em setembro de 1942, Jorge Amado e seus companheiros de exílio se apresentam às autoridades do Rio Grande do Sul, pois entendem que é um dever voltar ao Brasil. É preso em Porto Alegre e enviado de trem, em companhia de um delegado, ao Rio de Janeiro. Após dois meses de cárcere, é despachado para permanecer confinado em Salvador. Mais tarde, lembrando a



Pablo Neruda, Luis Carlos Prestes e Jorge Amado, São Paulo, 1945

prisão anterior em Manaus, reconhecerá que detém um recorde pouco comum: tinha percorrido o Brasil de norte a sul, em estado de prisioneiro político.

Em Salvador, volta a trabalhar no jornal *O Imparcial* no início do ano seguinte, assinando a coluna “Hora da guerra”, e viaja todo o interior do Estado fazendo campanha em prol da democracia. *Terras do sem fim* é lançado, seu primeiro livro vendido livremente após seis anos de censura. No ano seguinte, 1944, conclui o romance *São Jorge dos Ilhéus*.

Publica *Bahia de Todos-os-Santos*. No final do ano, desquita-se de Matilde e lança *São Jorge dos Ilhéus*. As traduções e edições no exterior continuam.

Em janeiro de 1945, rompe o confinamento a que está condenado na Bahia e viaja a São Paulo, presidindo a delegação baiana do I Congresso Brasileiro de Escritores. Sob a presidência de Aníbal Machado e vice-presidência de Jorge Amado, o congresso reúne todas as forças de oposição ao governo, de comunistas a liberais democráticos, e resulta na redação de um manifesto exigindo a legalidade democrática e a instalação de um governo eleito.



Zélia e Jorge, primeira foto de Zélia com a máquina soviética

Durante esse Congresso, Jorge conhece, se apaixona e casa com aquela que será sua companheira até o fim da vida: a militante política e futura escritora, Zélia Gattai.

Passa a morar em São Paulo, tornando-se chefe de redação do jornal *Hoje*, do PCB. Colabora com outros órgãos da imprensa, faz traduções, palestras e desenvolve intensa atividade política, atuando, entusiasticamente, na campanha pela anistia. Em abril, Vargas assina o decreto que concede anistia aos presos políticos. Luiz Carlos Prestes é libertado, e sai publicado no Brasil o livro *O cavaleiro da esperança*, com uma tiragem excepcional de 31.000 exemplares. Na comissão organizadora do comício no Estádio do Pacaembu, que reúne mais de 80 mil pessoas para receber Prestes, Jorge Amado recepciona o poeta chileno Pablo Neruda iniciando ali uma de suas mais fortes amizades.

Lança *Bahia de Todos-os-Santos*. As tiragens de seus livros atingem números de exemplares inimagináveis para os escritores brasileiros até então.



PARA DEPUTADO FEDERAL

**JORGE AMADO**

ROMANCISTA DO POVO

AUTOR DE: Terras do Sem Fim - S. Jorge dos Ilheos - Jubiabá -  
Mar Morto - Capitães da Areia - Cacau - Suor - Paiz do Carnaval  
- A. B. C. de Castro Alves - Bahia de Todos os Santos e  
VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES

EDIÇÕES DA LIVRARIA MARTINS EDITORA

O romancista do povo elege-se deputado federal por São Paulo com a legenda do Partido Comunista do Brasil, obtendo expressiva votação, enquanto Prestes, também pelo PCB, elege-se o segundo senador mais votado da República. A campanha de Prestes é reforçada por um hino composto por Dorival Caymmi e o romancista. Uma vez eleito, Jorge deixa uma carta de renúncia ao mandato — esse era o acordo com a direção do Partido — e viaja em lua-de-mel com Zélia. Não demora a receber telegrama de Prestes convocando-o com urgência ao Rio. Depois de apelar para sua consciência de comunista, Prestes consegue que Jorge reconsidere a posição de não assumir o mandato de deputado na Assembleia Constituinte. Jorge e Zélia passam a morar no Rio de Janeiro.

Atuando na Comissão de Educação e Cultura, Jorge Amado redige a lei que torna obrigatório o contrato de trabalho pelo prazo mínimo de 120 dias para trabalhadores de teatro, cinema, rádio e circo; elabora o projeto de lei que cria o Salão Nacional de Arte Moderna; vê aprovada sua emenda que isenta de tributos a importação e produção de livros, periódicos e papel de imprensa e a emenda pela qual sempre sentiu orgulho: a que assegura a liberdade religiosa e de culto no Brasil.

Com a aprovação da emenda, a liberdade religiosa é inscrita na Constituição Democrática de 1946 (inciso 6º do artigo 5º) e torna-se lei.

Um novo apelo do Partido para ele continuar deputado: que espere até ser



promulgada a nova Constituição. Sem vocação parlamentar e sem gosto para o cargo, Jorge é convencido a permanecer, porque seu relacionamento com adversários é importante para o Partido: “Adversário não é inimigo”, dizia. Ainda em 1946, publica *Seara vermelha*, romance escrito nas horas vagas das tarefas parlamentares no sítio afastado do centro da cidade onde reside com Zélia e cria enorme variedade de bichos, batizado de Peji de Oxóssi.



No sítio Peji de Oxossi, 1947, Zélia grávida de João

Nesse ano, o fotógrafo e etnólogo francês Pierre Verger aporta na Bahia, onde termina residindo, entusiasmado também com a leitura de *Jubiabá*. Mais um estrangeiro a chegar pelas mãos das personagens de Jorge Amado.

Volta à parceria com Dorival Caymmi que fará do compositor o colaborador preferido do romancista nas adaptações de suas obras para teatro, cinema e televisão. Em 1947, Jorge convida o compadre para compor a trilha sonora da peça teatral adaptada do seu romance *Terras do sem fim*, e, para melhor desenvolver o trabalho, hospeda a família Caymmi por quase duas semanas no Peji de Oxóssi. Para completar, Jorge convence Caymmi a publicar em livro as letras de suas canções, se encarregando ele próprio da edição e do prefácio. No final do ano, sai o *Cancioneiro da Bahia*.

Em maio, o registro do Partido Comunista do Brasil é cassado, o que o coloca na ilegalidade. A 25 de novembro, em meio a toda essa agitação, numa maternidade no Rio de Janeiro, nasce João Jorge, primeiro filho de Jorge com Zélia.

Em janeiro de 1948, o projeto de cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas é aprovado na Câmara dos Deputados. Com o mandato de deputado cassado, visado como autor de livros “subversivos”, só resta a Jorge Amado exilar-se. Embarca ainda em janeiro rumo à França. Zélia e a criança irão logo depois. No Rio, sua casa é invadida de madrugada por agentes da polícia política à sua procura, que terminam por apreender livros, fotos e documentos.

Ao embarcar, Jorge leva na bagagem o desejo de conhecer alguns escritores de sua admiração, que haviam iluminado com poemas e romances os anos da guerra: Anna Seghers, Ilya Ehrenburg, Paul Eluard, Louis Aragon... Resulta que, mais que conhecê-los, tem o privilégio de tornar-se amigo, como já o era de Pablo Neruda e Nicolás Guillén. Durante o exílio, convive com Pablo Picasso, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e vários outros militantes pela Paz Mundial.



Jorge Amado, Paris, 1947



Nicolás Guillén, Jorge Amado, Ilya Ehrenburg, Irène Joliot-Curie, Pablo Neruda, Congresso Mundial da Paz, Paris, 1949

O destino da família Amado no exílio é Paris, mas, antes de receber Zélia e João Jorge no porto de Gênova, Jorge viaja a Roma, acompanhado de Carlos Scliar e Zora Seljan, com a incumbência de cobrir as eleições italianas para a imprensa no Brasil. Espera fazer a análise política da vitória do Partido Comunista Italiano e festejar a tomada do poder pelos comunistas. Amarga a derrota e segue para Gênova.

Da Itália o casal segue para a Tchecoslováquia, e de lá para a Polônia. A guerra tinha acabado há apenas três anos, deixando 50 milhões de mortos, cidades arrasadas, ruínas, escombros, povos exaustos; devastação desoladora. Nas democracias populares, a reconstrução se faz, mas países como a Polônia, que tinha sofrido dois enfrentamentos brutais dos exércitos nazistas e soviéticos e abrigado a maioria dos campos de extermínio nazistas, trazem a memória ainda viva.

A luta contra a morte atômica transforma a paz em uma causa universal, sobretudo entre artistas e intelectuais. Em agosto de 1948, Jorge participa como vice-presidente do I Congresso de Intelectuais pela Paz Mundial, na



Jorge e Zélia comemoram com amigos o aniversário de João Jorge, Paris, 1948

cidade polonesa de Wroclav. É a primeira manifestação coletiva a favor da paz, no pós-guerra, dela participam personalidades renomadas do mundo inteiro.

Em Paris, Jorge e Zélia se instalam no Grand Hôtel Saint-Michel e comemoram o primeiro aniversário de João Jorge.

A convite da União dos Escritores da União Soviética, Jorge e Zélia visitam Moscou, a Geórgia e Stalingrado. No Brasil, *Terras do sem fim* é adaptado para o cinema, com o título de *Terra violenta*.

Em abril de 1949, Jorge Amado participa, em Paris, como um dos presidentes, do I Congresso Mundial dos Partidários da Paz, para esse congresso Pablo Picasso cria a famosa pomba que se tornaria símbolo da paz.

Resulta desse Congresso a fundação do Conselho Mundial da Paz, para o qual Jorge é eleito conselheiro e membro do bureau executivo.

Na volta a Paris de uma visita à Hungria, Romênia, Bulgária e Tchecoslováquia, no verão de 1949, recebe o comunicado de que as autoridades francesas lhe retiram a permissão de permanência, por motivos políticos, concedendo-lhe apenas quinze dias para deixar o país com sua família. Tempos difíceis para combatentes da paz.

A convite da União dos Escritores da Tchecoslováquia, Jorge passa a residir no Castelo de Dobris, residência de verão dos escritores, a poucos quilômetros de Praga. É lá, distante da filha, obrigado ao exílio, que recebe a notícia do falecimento de Lila, então com 15 anos.

A serviço do Conselho Mundial da Paz viaja a Budapeste, Bucareste e Sófia, preparando o II Congresso Mundial, a ser realizado na cidade inglesa de Sheffield. Não consegue, no entanto, obter o visto para entrar na Inglaterra. Também a representação diplomática brasileira em Praga lhe recusa a renovação do passaporte. O congresso é proibido pelas autoridades inglesas, sob protestos, e é transferido para Varsóvia, na Polônia, do qual Jorge participa.

O ano de 1951 é dedicado a um romance de grande fôlego, em três volumes, ambientado no Estado Novo, *Os subterrâneos da liberdade*. No Brasil, é publicado *O mundo da paz*, um livro sobre suas viagens pelo mundo socialista, sofrendo logo censura política: livrarias são invadidas, livros apreendidos, autor processado e enquadrado na lei de segurança.

Morando no Castelo dos Escritores em Dobris, na Tchecoslováquia, Jorge acompanha a tensão política existente no país provocada pelos processos da era stalinista. De passagem por Budapeste pouco antes, ouviu comentários sussurrados a propósito das confissões arrancadas à força. Não quis acreditar! Sente-se desonrado no seu orgulho comunista, o coração traspassado pela dúvida. O clima é de terror e medo. Só depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956) e da Primavera de Praga (1968) a verdade sobre todos esses fatos virá à tona, mas aí Jorge Amado já se desligara do Partido, “já estava fora do circuito, curado do stalinismo, imunizado aos vírus dos radicalismos”, segundo suas próprias palavras, nas memórias.



Jorge e Zélia, Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1950



Zélia e Paloma, Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1951. Foto Eva Siao

Uma nova viagem é feita à União Soviética. Na volta a Moscou, encontra Pablo Neruda, companheiro de convicção e de esperança, com quem divide suas dúvidas.

Em meio a tudo isso, uma alegria: a 19 de agosto, nasce, em Praga, sua filha Paloma, nome inspirado na pomba da paz de Picasso. Como padrinhos, os dois poetas já padrinhos também de seu irmão João Jorge, Nicolás Guillén e Pablo Neruda, mais o romancista russo Alexandre Fadeiev.

O casal viaja novamente a União Soviética em fins de 1951, Jorge Amado é condecorado com o Prêmio Internacional Stalin da Paz em dezembro, pelo conjunto da obra, recebendo a medalha de ouro e o diploma em Moscou, em cerimônia no grande salão da Academia de Ciências da União Soviética. Viaja de Moscou à China visitando a Mongólia no percurso.



Jorge Amado, Prêmio Internacional Stalin da Paz, 1952



Paloma, Jorge e João Jorge, 1952

A volta a Praga e Dobris é apressada pelos preparativos da viagem de regresso ao Brasil. Jorge decidiu pôr fim ao exílio naquele inverno europeu, que decretou ser o último.

No Brasil, Getúlio Vargas volta eleito presidente da República, cinco anos após sua deposição, retomando a política econômica nacionalista, particularmente na área do petróleo.

Jorge Amado e família retornam ao Brasil em maio e instalam-se no Rio de Janeiro. O processo contra a publicação de *O mundo da paz* é reativado, mas resulta em impronúncia. O juiz que o arquiva alega que “o livro não chega a ser subversivo, é tão-somente sectário”, sentença considerada sábia pelo escritor.

Enquanto seus livros não param de ser publicados em todo o mundo, sempre em novas línguas, os Estados Unidos o proíbem de pisar no país e ter ali livros publicados. É o macarthismo em sua perseguição anticomunista.



Diego Rivera, Jorge Amado e Pablo Neruda, Isla Negra, Chile, 1954

Nos primeiros anos de Rio de Janeiro, seu trabalho de romancista é sacrificado por conta das tarefas de militante do Partido Comunista. Ainda em 1952, Jorge faz algumas viagens pelo Brasil e retorna à Bahia, depois de cinco anos de ausência. No ano seguinte, participa do I Congresso Continental de Cultura, em Santiago, Chile, como representante do Conselho Mundial da Paz e da Associação Brasileira de Escritores. O congresso é organizado por Pablo Neruda, e nele reencontra inúmeros amigos.

Nesse período, participa intensamente de congressos — I Congresso Nacional de Intelectuais, que organiza com Pablo Neruda em Goiânia, Congresso do Movimento Mundial da Paz, em Estocolmo, e II Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou, como convidado especial —, e publica, com Pablo Neruda, um folheto para ajudar na libertação do líder comunista português Álvaro Cunhal e contribuir na luta contra a ditadura salazarista portuguesa.

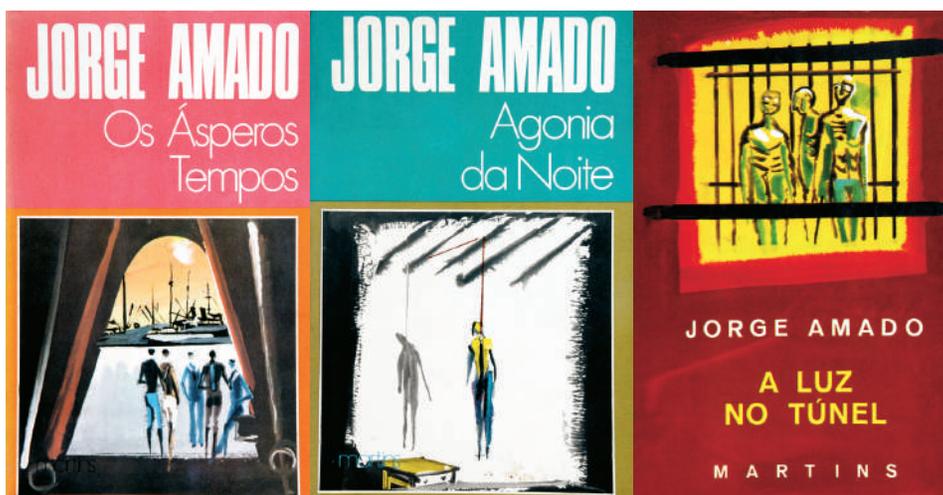


Jantar com os escritores portugueses no aeroporto de Lisboa, vendo-se Alves Redol, Maria Lamas, Jorge Amado e Ferreira de Castro

Proibido nessa época, pelas autoridades salazaristas, de pisar em Portugal, Jorge telegrafa ao escritor amigo Ferreira de Castro combinando um encontro na sala de trânsito do aeroporto de Lisboa, durante a escala de uma hora que faria no voo proveniente de Moscou com destino ao Brasil. Para sua surpresa, e comoção, depara-se com um grupo de escritores portugueses que estão ali para saudá-lo com um inesperado jantar. Ao lembrar sua vida de escritor nos apontamentos para um livro de memórias, Jorge Amado não hesita em responder sobre o prêmio maior que lhe foi dado receber: “— O jantar na sala de trânsito do aeroporto de Lisboa”.

Em 1954, publica *Os subterrâneos da liberdade*, editado em três volumes: *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite*, *A luz no túnel*. Escrito no Castelo de Dobris, na Tchecoslováquia, o livro sofre uma tentativa de censura do Partido Comunista, desgastando as relações do romancista com os dirigentes.

Desde o começo do ano de 1954, se intensifica a campanha contra o governo de Getúlio Vargas, com rumores de que o ministro do Trabalho,



João Goulart, vai propor aumento de 100% no salário mínimo, o que se efetiva por decreto presidencial em 1º de maio. Uma tentativa de assassinato do líder oposicionista no início de agosto é atribuída ao guarda-costas de Vargas, desencadeando poderosa pressão política pela renúncia do presidente. No dia 24 de agosto, Getúlio Vargas suicida-se com um tiro no peito, deixando aos brasileiros um manifesto político sob a forma de carta-testamento.

Mas o sistema democrático sobrevive. A campanha à Presidência do governador mineiro Juscelino Kubitschek, em 1955, com João Goulart na chapa para a vice-presidência, empolga democratas.

Jorge Amado passa um período em Viena nesse ano, enquanto ganha leitores em novas línguas, tornando-se o escritor brasileiro mais editado e lido do mundo, com isso abrindo caminho para a literatura brasileira no exterior. No Natal, afasta-se das tarefas partidárias para dedicar-se à sua obra de romancista. Permanece, porém, socialista por convicção, acreditando no socialismo com democracia.

Participa do jornal *Para Todos* - Quinzenário da Cultura Brasileira, com Oscar Niemeyer, Moacir Werneck de Castro, James Amado e outros, tornando-o o principal órgão de imprensa no setor cultural brasileiro da época. A publicação centraliza os melhores valores da intelectualidade brasileira, incentivando escritores e artistas, promovendo saudável abertura contra sectarismos.



Jorge Amado e Pablo Neruda, Ceilão, 1957

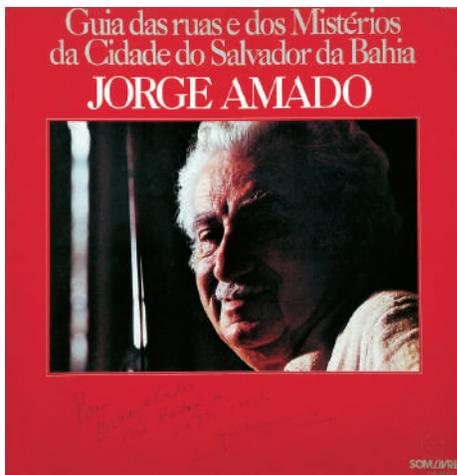
Em 1956, o Comitê Central do PCB se reúne para discutir o relatório do XX Congresso do Partido Comunista da União, mas que só após a publicação em jornal brasileiro torna-se de conhecimento geral no país. As denúncias feitas por Nikita Krushev dos crimes de Stalin explodem como uma bomba entre os comunistas.

Em 1957, Zélia, Jorge, Matilde e Pablo Neruda participam do Congresso do Movimento Mundial da Paz, no antigo Ceilão, atual Sri Lanka, e estendem a viagem à Índia, Paquistão, Birmânia, China e voltam à União Soviética. Nas suas memórias, Neruda comenta sobre essa viagem e observa o ânimo entristecido do amigo romancista após as revelações das atrocidades stalinistas. Observa também que, sem perder a fé revolucionária, Jorge começava ali uma etapa diferente, passando a escrever seus melhores livros, a exemplo da obra-prima que engendrava, o livro que lhe dará uma popularidade jamais alcançada por um escritor brasileiro, *Gabriela, cravo e canela*. É um sucesso o lançamento, em agosto de 1958, e em quinze dias esgotam-se vinte mil exemplares, tornando-se um dos maiores lançamentos editoriais do Brasil, em todos os tempos.

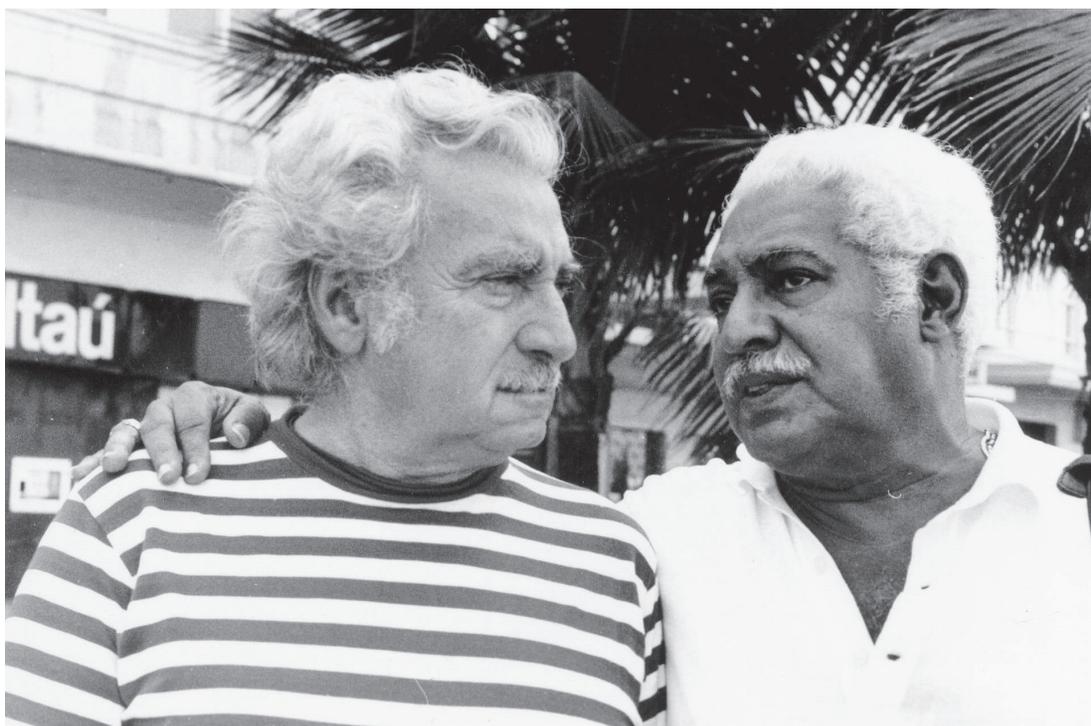


Esse livro traz um elemento novo aos romances de Jorge Amado, o humor, que depois ficou para sempre integrado à sua obra, como elemento fundamental de sua criação literária. Os brasileiros sentem-se confiantes e felizes nesse ano de 1958. *Gabriela* vem, assim, juntar-se à euforia geral do país, decorrente da vitória da Seleção de Garrincha, Didi e Pelé na Copa do Mundo na Suécia e do clima de otimismo pela democracia progressista de Kubitschek.

O desenvolvimentismo e a convivência democrática entre políticos, intelectuais e artistas produzem grande dinamismo cultural no Brasil, resultando em confluência de diversos setores. A renovação estética atinge todas as artes. Nesse ano, João Gilberto apresenta a bossa nova, renovando a tradição musical brasileira, e Glauber Rocha realiza seu primeiro curta-metragem, dando início ao trabalho que renovaria o cinema no Brasil. Jorge Amado passa a dispensar a eles proteção de pai e padrinho e o faz ao longo de toda a vida; acrescenta à alegria que sempre manifestou em reconhecer e anunciar talentos, a responsabilidade e o orgulho no caso dos dois “meninos gênios”. É assim que se encontra presente em momentos decisivos da vida dos dois novos rebeldes baianos.



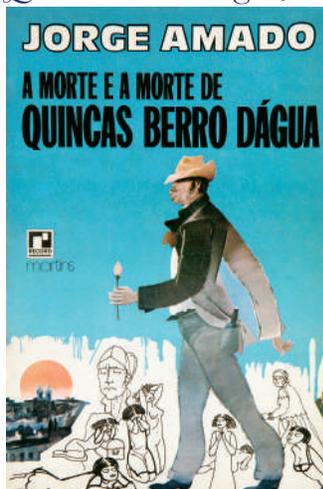
Gabriela derruba todos os preconceitos ideológicos contra o romancista. No dizer do poeta Manuel Bandeira, Jorge passa a ser, com comunismo e tudo, amado mesmo. Nova colaboração com Caymmi resulta no disco LP *Canto de amor à Bahia e quatro acalantos de Gabriela, cravo e canela*. No final do ano, Gabriela contabiliza seis edições, mais de 50 mil exemplares vendidos e é considerado o melhor livro do ano. Em 1959, coleciona prêmios e ultrapassa a casa dos cem mil exemplares vendidos.



Os compadres, Jorge e Dorival, em Copacabana, Rio de Janeiro, 1977

Entre os títulos que Jorge recebe em 1959 estão o de Cidadão Carioca, pela Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, e o de Obá Orolu do Axé Opô Afonjá, candomblé da cidade do Salvador, das mãos da veneranda Mãe Senhora.

Nesse ano, Jorge publica na revista *Senhor* a novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, fazendo o poeta Vinicius de Moraes declarar que saiu da



leitura da novela com “uma sensação de bem-estar físico e espiritual como só dão os prazeres do copo e da mesa, quando se está com sede ou fome, e os da cama quando se ama”.

No ano seguinte, convida os escritores e filósofos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir para conhecer o Brasil, viajando com eles pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Brasília.



Jorge autografa *Terras do Sem Fim* durante o lançamento de *Gabriela, cravo e canela*, Recife, 1958



Mãe Senhora, Zélia Gattai, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Jorge Amado no Axé Opô Afonjá, Salvador, 1960

Jorge sonha em ter uma casa e poder viver na Bahia. A oportunidade surge quando o estúdio de cinema Metro-Goldwyn-Mayer compra os direitos autorais para adaptar *Gabriela, cravo e canela*. Agora, diz brincando, o imperialismo norte-americano lhe permite construir a casa.

O amado mesmo, como dizia Bandeira, dá prova de unanimidade quando é eleito, em abril de 1961, para a Academia Brasileira de Letras com a totalidade dos votos, em primeiro escrutínio, sucedendo Octávio Mangabeira na cadeira 23, que tem como patrono José de Alencar e primeiro ocupante o fundador Machado de Assis, e que mais tarde seria ocupada por sua mulher, a escritora Zélia Gattai.

É festejado em vários estados brasileiros com concessões de títulos, recepções oficiais e exposições pelos 30 anos de vida literária e uma edição comemorativa das obras completas, com ilustrações dos maiores nomes das artes plásticas brasileiras.



Casa do Rio Vermelho

Finalmente, o sonho de ter uma casa em Salvador se realiza. Jorge adquire um imóvel no bairro do Rio Vermelho, que vale mais pela vista e pelo terreno. Passa a viver mais em Salvador do que no Rio. Conta com a colaboração dos amigos artistas, cada um oferecendo seu trabalho, para embelezar a casa.

O Brasil é surpreendido, em 25 de agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros ao mandato de presidente da República, após sete meses de governo. O veto dos ministros militares à posse do vice-presidente eleito, João Goulart, abre uma crise política, conciliada através de emenda constitucional que institui o parlamentarismo.

Nos primeiros dias de 1962, morre o coronel João Amado no Rio de Janeiro, estando Jorge na ocasião em Salvador. Meses depois participa de congressos de escritores e intelectuais em Havana e em Moscou. A causa da paz e do desarmamento ainda o tem como militante. Nesse ano em que comemora os 50 anos de idade, viaja pelo Brasil, recebe homenagens e ganha da Câmara Brasileira do Livro o prêmio Jabuti 61, como Personalidade Literária do Ano.



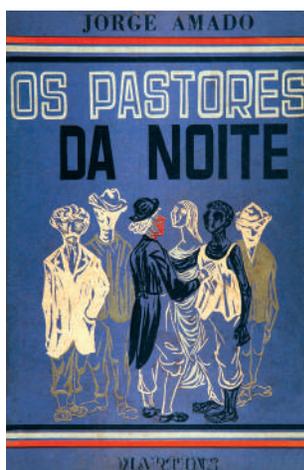
O cantor, violonista e compositor João Gilberto e Jorge Amado, Rio de Janeiro, 1962

*Seara vermelha* chega aos cinemas em 1963, como primeira e única produção da companhia que tinha criado e dirigido, a Proa Filmes. Jorge divide com o diretor Alberto D’Aversa os créditos de adaptação, roteiro e diálogos. O filme traz trilha sonora do maestro Moacir Santos e uma canção inédita do romancista em parceria com João Gilberto. No final do ano, muda-se com a família para o endereço à Rua Alagoinhas n. 33, em Salvador, fixando residência na casa que se tornará famosa como A Casa do Rio Vermelho.

Conviver entre amigos, alguns de infância; proporcionar aos filhos uma vida mais tranquila do que a do Rio de Janeiro; reencontrar a paisagem, o casario, o mar; viver na intimidade do povo da Bahia — é tudo o que deseja o romancista, que sempre considerou um privilégio nascer baiano e viver na cidade do Salvador. A partir daí pode reencontrar o povo de quem se fez contador de histórias, de quem se sentia devedor, com gratidão a declarar e homenagem a render.

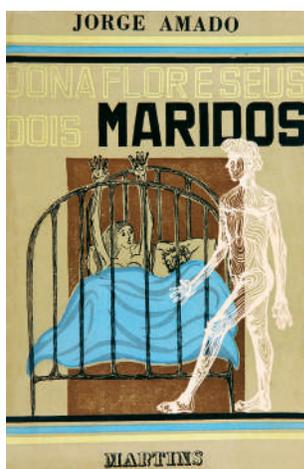


Jorge Amado com o fardão da Academia Brasileira de Letras, 1961



Lança novo romance em 1964, *Os pastores da noite*, ano em que o Brasil sofre um golpe de estado que o faz mergulhar nas trevas de uma nova ditadura. A Casa do Rio Vermelho torna-se quartel-general do romancista, de onde sai para compromissos ao redor do mundo e onde recebe visitantes. Seus livros continuam ganhando leitores pelos quatro cantos do planeta; apenas lançados, são traduzidos para inúmeros idiomas. *Capitães da Areia* é adaptado para teatro e, nos anos seguintes, se torna seu livro com maior número de edições e adaptações.

Mas nesse ano de 1965, uma notícia em particular traz alegria ao coração de Jorge Amado: recebe autorização para entrar de novo na França, depois de dezesseis anos de proibição.

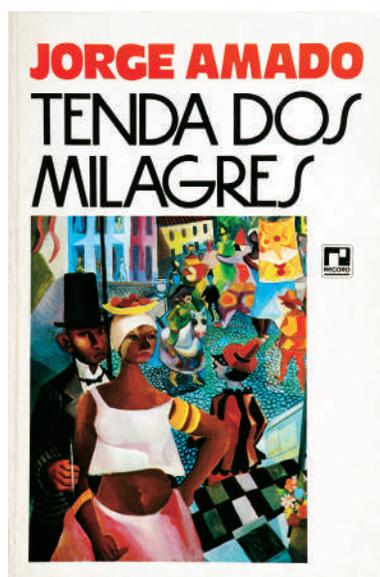


Sua personagem feminina mais famosa desde Gabriela entra em cena em 1966: dona Flor, a dos dois maridos. Jorge passa a lotar sessões de autógrafos, atendendo a leitores das edições cada vez mais numerosas de seus livros. O romance *Dona Flor e seus dois maridos* é lançado com tiragem de 75 mil exemplares. As adaptações de seus romances para cinema e televisão prosseguem, assim como as traduções para línguas estrangeiras. O romancista conquista cada vez mais leitores, sucesso e prestígio no Brasil e no exterior. As manifestações da popularidade do escritor baiano e os números das suas vendas impressionam. As viagens internacionais continuam.

Em dezembro de 1968, é decretado o Ato Institucional n. 5, que legitima o endurecimento do regime militar no Brasil, dando poderes ao presidente para fechar o Congresso, cassar mandatos políticos, intervir em estados e municípios, confiscar bens e privar cidadãos do direito ao habeas corpus; enfim,



Jorge e Zélia, Paris, 1990



submeter tudo aos imperativos da segurança nacional. O prestígio de escritor brasileiro mais famoso funciona como blindagem para Jorge Amado, que se favorece disso para interceder por amigos perseguidos.

O romance lançado em 1969, *Tenda dos Milagres*, traz a personagem de que mais gosta, a que julga mais completa em toda sua obra: Pedro Archanjo, o não-sectário por excelência, autor da frase: “Meu materialismo não me limita”.

Dentro do debate sobre as relações raciais no

Brasil, ao qual Jorge Amado deu enorme contribuição, o romance *Tenda dos Milagres* tem papel de destaque. Nele o protagonista, Pedro Archanjo, bedel

da Faculdade de Medicina, ou melhor, reitor da Universidade Popular do Tabuão, sentencia:

*Se o Brasil concorreu com alguma coisa válida para o enriquecimento da cultura universal, foi com a miscigenação — ela marca nossa presença no acervo do humanismo, é a nossa contribuição maior para a humanidade.*

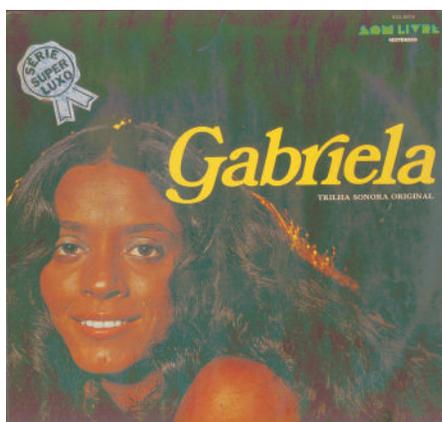
Seus livros voltam a ser proibidos, em 1970, sob a alegação de exploração de erotismo. Nesse ano, lidera uma campanha, com o escritor Erico Verissimo, contra um decreto do governo ditatorial que pretende submeter os livros à censura prévia, o decreto é abortado.



É lançado, em 1972, *Tereza Batista cansada de guerra*, romance que contém o impressionante número de 359 personagens.

No final da vida de Jorge Amado, serão mais de cinco mil personagens criadas por sua imaginação! É a celebração da amizade e da relação como base da vida social brasileira, princípio que sempre defendeu: misturar, juntar, conviver, fundir, confundir, conciliar, miscigenar.

O fim da ditadura salazarista em Portugal significa para Jorge Amado a possibilidade de retornar legalmente ao país.



Quatro produções audiovisuais adaptadas de seus romances marcam o ano de 1975. A novela *Gabriela* produzida pela Rede Globo de Televisão com a atriz Sonia Braga no papel-título, expande o público do romancista e torna-se o seu maior sucesso em televisão. O encantamento proporcionado por essa novela, quando começava a transmissão de programas em cores no país, continua repercutindo nos anos seguintes. *Gabriela* torna-se um marco na elevação da qualidade da telenovela no Brasil.



*A Modinha de Gabriela*, composta especialmente por Caymmi e interpretada por Gal Costa, entra para as paradas de sucesso.

O romance *Os pastores da noite* ganha adaptação cinematográfica do diretor francês Marcel Camus, exibido com o título *Otália de Bahia*; *Tenda dos Milagres* é filmado pelo diretor Nelson Pereira dos Santos; e *Dona Flor*, por Bruno Barreto. O cenário dos três filmes, como não poderia deixar de ser, é a cidade de Salvador.

O filme *Dona Flor e seus dois maridos* bate recorde de bilheteria em apenas três meses de exibição — dez milhões de espectadores. E mantém-se como um dos maiores recordes de público do cinema brasileiro. Mais uma vez a atriz Sonia Braga defende uma personagem de Jorge Amado. O filme conta ainda com os atores José Wilker e Mauro Mendonça nos papéis dos maridos.

Enquanto *Dona Flor* encanta as plateias, Jorge Amado participa, em 1976, da Feira Internacional do Livro em Frankfurt, na Alemanha, nesse ano dedicada à literatura latino-americana.



Cedendo a pedido do filho João Jorge e do amigo Carybé, autor das ilustrações, publica *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, texto original de 1948.

Novo romance é lançado em 1977, *Tieta do Agreste*, cercado de campanha publicitária inédita para livro no país. Na noite de lançamento do romance, no Rio de Janeiro, Jorge autografa mil livros, sucesso amplamente noticiado.

A popularidade de Jorge Amado, de seus romances e de suas personagens, pode ser medida pela apropriação crescente que sofre sua obra: bares, restaurantes, bebidas, temperos, lojas, barcos, ruas, boates, motéis, cabarés... O circuito inclui cidades brasileiras, Paris, Nova Iorque, Buenos Aires, Montevideu, Lisboa... Mais recentemente, é o próprio nome do romancista que batiza teatros, ruas, praças, faculdades.

Personalidade que mantém intensa participação na vida da sua cidade, Jorge Amado recebe nesse período três títulos que atestam sua afeição pela vida popular: torna-se Cavaleiro Benemérito da Ordem de Literatura de Cordel (1976), Cavaleiro Benemérito da Ordem dos Cantadores (1976) e Sócio Benemérito do Afoxé Filhos de Gandhy (1977).

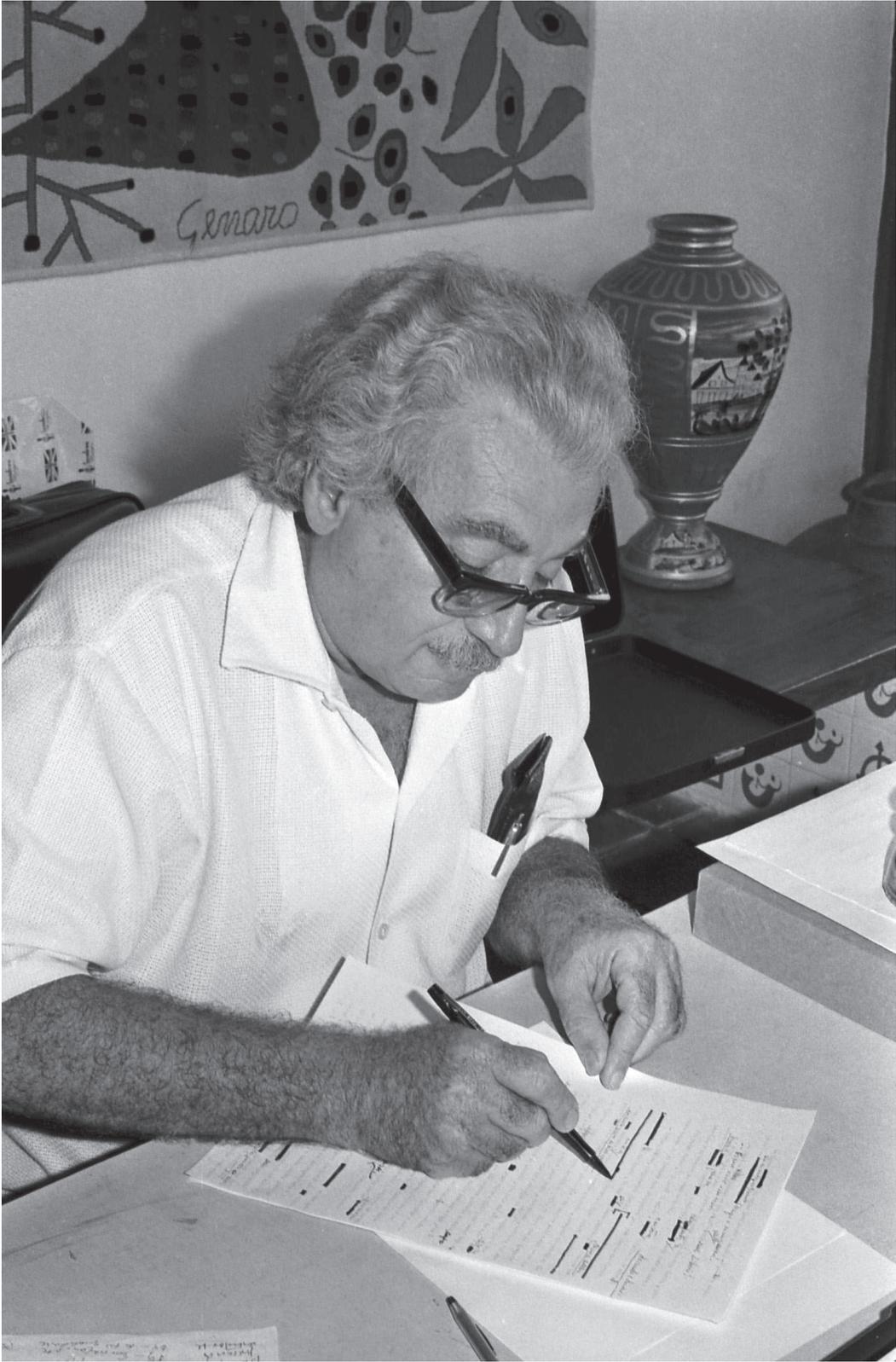
O desenhista e pintor maranhense Floriano Teixeira lança o álbum de serigrafias *5 mulheres da Bahia*, em 1978, cinco mulheres de Jorge Amado: Livia, Tieta, Gabriela, Dona Flor e Tereza Batista. Mas a mulher efetiva de Jorge Amado, aquela que, dizem, está anônima em todas as grandes personagens femininas do marido, no dia 13 de maio de 1978 tornou-se legalmente Amado. Em cerimônia simples, para a família e alguns amigos, Jorge Amado e Zélia Gattai oficializam a união.

A vendagem de seus livros atinge um milhão de exemplares no final de 1978. Publica *Farda, fardão, camisola de dormir* e acompanha o lançamento, com grande sucesso, do livro de estreia de sua companheira Zélia Gattai, *Anarquistas, graças a Deus*, contando suas memórias de filha de imigrantes italianos.

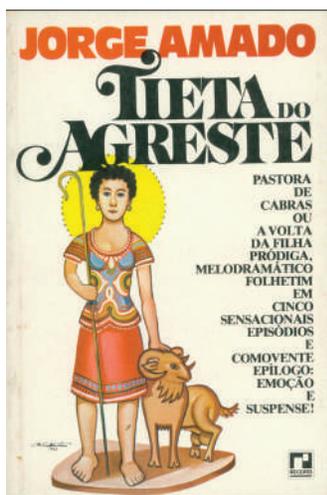


*tas, graças a Deus*, contando suas memórias de filha de imigrantes italianos.

No ano de 1980, Jorge recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia com seus irmãos mabaças, Carybé e Caymmi, e é condecorado em Lisboa pelo presidente português Ramalho Eanes como Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada.



Jorge escrevendo *Tereza Batista cansada de guerra*, Salvador, 1972



Em 1983, é realizado o filme *Gabriela*, com direção de Bruno Barreto, Sonia Braga no papel-título e um astro do cinema internacional, Marcello Mastroianni como Nacib. As filmagens ocorrem na cidade fluminense de Paraty, e a trilha sonora fica a cargo do maestro Antonio Carlos Jobim.

A campanha pelo restabelecimento da democracia no país mobiliza a sociedade, chegando a reunir um milhão de pessoas no Rio de Janeiro no comício pelas “Diretas Já”, em abril de 1984.

Ao escrever o texto *O menino grapiúna* para um número especial da revista *Vogue Brasil* que lhe é dedicado e relembrar sua vida de menino, ocorre-lhe desenvolver a ideia em livro, falando do nascimento de uma cidade da região



do cacau, Pirangi, atual Itajuípe. Surge assim o romance *Tocaia Grande*. Lançado com tiragem inicial de 150 mil exemplares.

Um ato de especial significado para Jorge Amado ainda marca o ano de 1984: recebe das mãos do presidente da França, François Mitterrand, as insígnias de Comendador da Ordem Nacional da Legião de Honra. A cerimônia no Palais de l'Élysée, sede do Governo francês, na tarde do outono parisiense de 6 de setembro, com a presença de amigos e admiradores, significa a reparação

pública da expulsão injusta ocorrida em 1949, ao “mestre do romance contemporâneo, grande e provado amigo da nação francesa”, segundo palavras de Mitterrand. As homenagens prosseguem: recebe diploma de Amigo Apache do Bloco Carnavalesco Apaches do Tororó, no carnaval de Salvador em 1985,



Jorge sendo condecorado com a Légion d'Honneur pelo presidente francês François Mitterrand, Paris, 1984

que, aliás, tem como tema de decoração da cidade exatamente o romancista do povo baiano; como também recebe do Centro Georges Pompidou, em Paris, homenagem consagrada, além de participar de debates sobre sua obra. Nesse ano, os vinhedos do Clos Mirabeau, na França, dão o seu nome à safra, criando o Vin Jorge Amado.

Continua a receber prêmios, medalhas, diplomas, títulos, homenagens de toda ordem e de todas as partes do mundo. A todas agradece, pois todas merecem sua estima, sem diferenciação, mas tem uma ideia precisa sobre premiações.

Um escritor que se preza não escreve para obter prêmios e, sim, para se comunicar, dizer e refletir, considerar, compreender, recriar a vida, servir ao homem.

Viver em Salvador passa a significar também sacrificar o trabalho criativo. Com sua capacidade de luta, prestígio internacional e ligação afetiva com o povo da Bahia, Jorge Amado mantém uma posição como artista e cidadão responsável que o transforma, aos olhos dos solicitantes, em um verdadeiro partido político. Os problemas da cidade, culturais, mas também sociais e mesmo ecológicos, terminam por envolvê-lo e demandar sua participação. Para escrever, recorre com frequência a casa de amigos, onde se refugia do assédio que sofre na Casa do Rio Vermelho.

Com o adiantamento dos direitos autorais pagos pela Editora Bantan, de Nova Iorque, pela tradução de *Tocaia Grande*, realiza um segundo sonho: ter um pequeno apartamento em Paris. Volta a brincar, dizendo que deve o que possui, de bens materiais, ao imperialismo norte-americano. A partir de 1985, passa a dividir o tempo entre a Bahia e a França.

No dia 2 de julho de 1986 (data de aniversário de Zélia), no Palácio do Planalto, é realizada a cerimônia da instituição da Fundação Casa de Jorge Amado, criada a partir da doação do acervo do romancista com o objetivo de preservar e divulgar sua obra. No ano seguinte, é inaugurada a sede da Fundação, no Largo do Pelourinho, em Salvador, e têm início suas atividades, com extensa programação comemorativa dos 50 anos de publicação de *Capitães da Areia*.

As homenagens fora do país são frequentes, notadamente na França, onde o interesse por seus livros é intenso. Só no ano de 1987, ganha em Paris exposição retrospectiva de sua obra, projeção de filmes, palestras, debates, homenagem do ministro da Cultura, exposição de fotos de Zélia Gattai sobre sua trajetória como romancista; na cidade de Lyon, título de Doutor Honoris Causa pela Université Lumière Lyon 2.

A Fundação Casa de Jorge Amado monta, nesse ano, a exposição *Os ilustradores de Jorge Amado*. Os livros de Jorge Amado são ilustrados por grandes artistas plásticos brasileiros: Aldemir Martins, Anna Letycia, Calasans Neto,



Jorge Amado, Zélia Gattai, presidente José Sarney, Marly Sarney, na cerimônia de instituição da Fundação Casa de Jorge Amado, Brasília, 1986

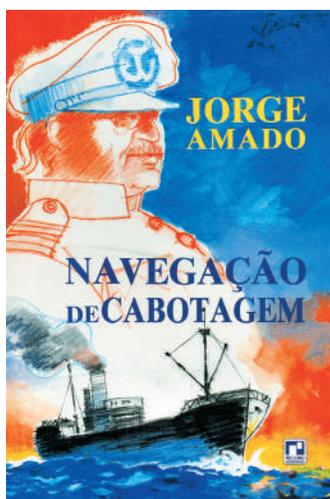
Carlos Bastos, Carlos Scliar, Carybé, Clóvis Graciano, Darcy Penteadó, Di Cavalcanti, Frank Schaeffer, Floriano Teixeira, Glauco Rodrigues, Iberê Camargo, Jenner Augusto, Mario Cravo, Oswaldo Goeldi, Otávio Araújo, Poty, Renina Katz, Santa Rosa. Com todos há uma história de convivência e de amizade.

Participa, em 1990, de comissão internacional organizada pelo governo egípcio, ao lado de François Mitterrand, do rei Hassan II, da rainha Sofia e outros, para dar assessoria ao projeto de reconstrução da antiga biblioteca de Alexandria. Sua editora francesa, a Gallimard, lança em Paris o livro com o longo depoimento dado à sua tradutora Alice Raillard, em 1985, *Conversations avec Jorge Amado*. Entre as diversas homenagens no exterior, recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Israel e também da Università degli Studi di Bari, na Itália.

Com as comemorações dos seus 80 anos de idade, em 1992, aumentam as homenagens e compromissos no Brasil e no exterior. Para o aniversário,

organizam-se, em Salvador, shows no Pelourinho, debates e exposições e, em Paris, o Centro Georges Pompidou apresenta a exposição *Jorge Amado, écrivain de Bahia*. Publica *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, e é lançado na França o romance *A descoberta da América pelos turcos*.

A luta em defesa dos cultos afros na Bahia ainda o ocupa nessa etapa da vida, quando pode-se encontrá-lo passando o pires, literalmente, em ajuda às mulheres negras de uma venerável e pobre irmandade. Tomo da cuia de esmoler é o título da carta aberta em que se dirige ao ministro da Cultura, aos poderosos e aos ricos do Brasil, em nome da Irmandade da Boa Morte, necessitada de reconstruir casas doadas para a instalação de sua sede em Cachoeira, cidade do Recôncavo baiano.



Na década de 1990, sua obra passa a ganhar uma avaliação mais abrangente, tornando-se cada vez mais objeto de estudos e discussões em congressos. O romancista coleciona números extraordinários em vendas e traduções. Prêmios, medalhas e títulos contam-se às dezenas, no Brasil e no exterior. Inúmeras adaptações para cinema, televisão e teatro, é dos romancistas brasileiros mais adaptados e encenados. Em 1997, publica seu último romance, *O milagre dos pássaros*. É também nessa década que o romancista começa a ter sua saúde abalada. Aos poucos a doença o impede de ler e escrever, terminando por prostrá-lo.

Já bastante debilitado, viaja a Paris para receber o título de Doutor Honoris Causa, conferido pela Universidade Sorbonne, em 1998.

Em 6 de agosto de 2001, falece, na cidade da Bahia, como gostava de dizer. Ou, para quem prefere, na cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos, que é o seu nome completo. Suas cinzas repousam, a seu pedido, sob sua mangueira predileta no jardim da Casa do Rio Vermelho.